

ESPOROTRICOSE EM UM CANINO RESGATADO: RELATO DE CASO

BRUNA BRAGA DA SILVEIRA¹; DANIELE WEBER FERNANDES²; EDUARDA DA CUNHA LESSA³; MARIA LAURA CASTRO MELO⁴; SERGIO JORGE⁵.

¹Universidade Federal de Pelotas – bruna.silveiras@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danielwfernandes@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – eduarda.vet@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – medvetmlcm@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – sergiojorgevet@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea de caráter zoonótico causada por fungos dimórficos do complexo *Sporothrix*, sendo o *Sporothrix schenckii* descrito pela primeira vez por Benjamin Schenck nos Estados Unidos em 1898 (HEKTOEN, L; PERKINS, C. F., 1900). No Brasil, a doença é epidêmica, porém, o estado do Rio Grande do Sul é um dos mais afetados, tendo apresentado uma prevalência relativamente alta de esporotricose em animais, principalmente em gatos pela espécie *S. brasiliensis* (SILVEIRA et al., 2023).

Em geral, a infecção resulta da inoculação direta do fungo na pele por contato com plantas ou solo contaminados ou, com menos frequência, da inalação de conídios. A transmissão zoonótica ocorre por meio de mordidas e arranhaduras de animais, principalmente felinos infectados (SCHUBACH; MENEZES; WANKE, 2012). A esporotricose canina pode ser adquirida por meio traumático, onde haverá possível introdução do patógeno por meio de lesões, arranhaduras e/ou mordeduras de gatos (SCHUBACH; MENEZES; WANKE, 2012).

Na espécie canina, a forma mais comum de aparecimento das lesões é a cutânea e cutânea-linfática, caracterizada pelo aparecimento de nódulos firmes e variados, com placas ulceradas e bordas alopecias (SCOOT et al., 1996). Em algumas ocasiões excepcionais pode ocorrer a disseminação para outros órgãos (BARROS et al, 2010).

O diagnóstico é feito a partir da correlação de alguns fatores importantes, e embora os sinais clínicos, o histórico do paciente e a epidemiologia possam sugerir esporotricose como principal suspeita, o diagnóstico definitivo depende do isolamento do fungo em cultura (SCHUBACH; MENEZES; WANKE, 2012). A incubação em diferentes temperaturas podem evidenciar o dimorfismo característico do agente, sendo essencial para a confirmação da doença. O tratamento para animais e humanos consiste no uso de antifúngicos, principalmente os triazólicos como o itraconazol (NOBRE, et al., 2002).

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é relatar um caso de esporotricose em um canino na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, evidenciando diagnóstico e tratamento, com o objetivo de aprimorar a conscientização sobre a doença nessa espécie.

2. METODOLOGIA

Foi atendido no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPEL), no mês de agosto de 2023, um canino, fêmea, não castrada e

sem raça definida (SRD), de 7 anos, apresentando lesões alopécicas e ulceradas nos membros, principalmente anteriores, além de hiporexia e apatia.

De acordo com a tutora, o animal foi resgatado em via pública em 2017 e, desde então, apresentava áreas alopécicas em várias regiões do corpo, que nunca regrediram e foram progredindo para lesões abertas e sanguinolentas, com piodermite profunda, especialmente no membro torácico esquerdo, que ficou edemaciado. Foram realizados hemograma e bioquímica sérica onde o eritrograma evidenciou uma anemia regenerativa normocítica normocrômica e o bioquímico apresentou discreta azotemia.

A ulceração das feridas ocorreu aproximadamente 3 meses antes da primeira consulta, e desde então, o animal apresentava dificuldade de apoio nos membros torácicos. Nos membros pélvicos apresentava áreas com hiperpigmentação (Figura 1). O paciente consultou anteriormente com outros médicos veterinários, devido às lesões apresentadas, incluindo um dermatologista, que realizou exames de raspagem e receitou alguns medicamentos como cefalexina, metronidazol, dipirona e prednisolona, entretanto, não houve resposta ao tratamento e as lesões não cicatrizaram.



Figura 1 - Lesões ulceradas no membro anterior esquerdo (A e B). Fonte: HCV-UFPEL

Foi coletado amostras das secreções provenientes das lesões com auxílio de um *swab* estéril, e pequenas camadas de crostas após ser feita a antissepsia do local com solução fisiológica para exames de citologia, cultura fúngica e antibiograma. Em seguida, o material foi identificado e encaminhado para análise no Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Micologia Veterinária (MicVet), da Faculdade de Veterinária - Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O exame citopatológico foi sugestivo de sarcoma de tecidos moles, onde sugeriu-se realização de exame histopatológico para confirmação.

A cultura fúngica apresentou crescimento de *Sporothrix spp*, em torno de um mês após a coleta de exames, confirmando assim o diagnóstico de esporotricose.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No caso relatado, a cultura fúngica teve um período de 30 dias para a confirmação, visto que os fungos da classe *Sporothrix spp* são dimórficos, ou seja, possuem

diferentes formas de crescimento dependendo da temperatura a que estejam submetidos. Na temperatura ambiente de 25°C o fungo se apresenta na forma filamentosa, que é caracterizada por hifas e conídios, mas quando inoculado em um hospedeiro, cresce na temperatura corporal de aproximadamente 37°C, na forma leveduriforme, cuja característica é reprodução por brotamento e morfologia mais arredondada (HOWARD DH, 1961).

Posteriormente à confirmação do diagnóstico, foi prescrito itraconazol na dose de 10mg/kg, via oral, a cada 24 horas para uso contínuo, até que as lesões curassem totalmente. Esse medicamento pertence à classe dos triazólicos e consiste no tratamento de eleição para micoses subcutâneas superficiais e profundas em pequenos animais (NOBRE, et al., 2002).

O exame sugestivo de sarcoma de tecidos moles pode ser explicado, ao passo que toda inflamação crônica pode alterar a morfologia das células, as tornando confundíveis com células neoplásicas. Os exames de hemograma e bioquímico apresentaram alterações persistentes. A paciente continuou a demonstrar leve anemia ao longo dos meses de acompanhamento clínico. No que diz respeito ao exame bioquímico, observaram-se aumentos nas concentrações de ureia e creatinina.

Após o início do tratamento com itraconazol, a paciente apresentou uma melhora significativa das lesões, seguido de um melhor bem-estar, evidenciado por um aumento de atividade e escore de condição corporal. O animal teve retornos periódicos ao veterinário durante seis meses, porém não retornou após esse período para a continuação do acompanhamento clínico.



Figura 2 - Lesões do membro anterior esquerdo (A e B) após início de tratamento com itraconazol. Fonte: HCV-UFPEL.

4. CONCLUSÕES

O presente relato conclui a importância do diagnóstico de esporotricose em cães, tendo em vista que, embora tenha uma maior importância epidemiológica em gatos, também representa um risco considerável para a saúde canina. Portanto, faz-se pertinente a conscientização de veterinários e tutores sobre o diagnóstico precoce dessa doença, possibilitando um controle mais amplo entre animais e humanos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barros MBL, Schubach TP, Coll JO, Gremião ID, Wanke B, Schubach A. Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Rev Panam Salud Publica**. 2010;27(6):455–60.

HEKTOEN, L.; PERKINS, C.F "Refractory Subcutaneous Abscesses Caused by *Sporothrix schenckii*: A New Pathogenic Fungus." **The Journal of Experimental Medicine**, vol. V, 1900, pp. 1-15.

HOWARD, D. H. Dimorphism of *Sporotrichum schenckii*. **National Library of Medicine**, California, v.81, n.3, p.464-469, 1961.

NOBRE, M. O.; NASCENTE, P. S.; MEIRELES, M. C.; FERREIRO, L. Drogas Antifúngicas para Pequenos e Grandes Animais. **Ciência Rural**, Santa Maria/RS, v.32, n.1, p.175-184, 2002.

PIMENTEL, S. P.; DOS SANTOS, M. H.; RODRIGUES CABRAL, L. A.; CORREIA COSTA, PAULA PRISCILA. COMPLICAÇÕES DO USO DO ITRACONAZOL – REVISÃO. **Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública**, v. 4, n. 2, p. 191-193, 1 mar. 2018.

SCHUBACH, T. M. P.; MENEZES R. C.; WANKE B. Esporotricose. In: Greene, C. E. **Doenças Infecciosas em cães e gatos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. Cap. 61, p. 678- 684.

SCOTT, D. W.; MILLER, W. H.; GRIFFIN, C. E. **Muller and Kirk's Small Animal Dermatology**. Philadelphia: W. B. Saunders Co., 1995. 6ª ed.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA, PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL E IRRIGAÇÃO. **A esporotricose e sua relação com a agropecuária**. DDPA, Porto Alegre. Acesso em 06 set. 2024. Online. Disponível em: <https://www.agricultura.rs.gov.br/informativo-ddpa>.